

morphine
THE NIGHT

recontado por
IRMÃOS DIAS

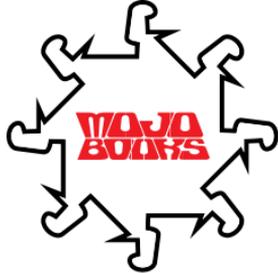
24



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

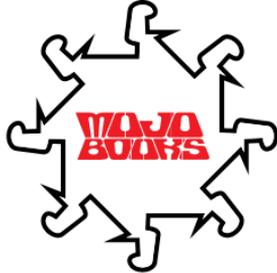
Danilo Corci
organizador



VOLUME 24

THE NIGHT
morphine

recontado por **IRMÃOS DIAS**



VOLUME 24

THE NIGHT morphine

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Werner**

Mai de 2007

I.

Completamente absorto, mal consigo ouvir a algazarra ao meu redor. A única coisa que consigo sentir, além da angústia que parece querer arrebentar o peito, é a espessa fumaça que domina todo o ambiente, composta de odores naturais, artificiais e mortais. Caralho, uma das poucas certezas que eu tenho é a de que vou acabar morrendo de câncer de pulmão. Mas, no momento, outro câncer me carcome aos poucos: um relacionamento mal resolvido.

Assim que o pensamento começa a fluir, tento retomar quando e qual foi o momento em que tudo começou a desmoronar. O que eu teria feito pra Leila me deixar dessa maneira tão covarde, com um telefonema frio, seco, sem maiores explicações. “Preciso ir, não dá pra falar mais”, foram suas palavras. Até as mais patéticas tentativas de reaproximação não funcionaram. Não adiantou dizer que sem ela eu era incapaz de viver por mim mesmo. Que eu era um inútil total sem a presença de Leila, sem ela pra me reprimir e me mostrar que dois mais dois são quatro. Inútil. Quando uma mulher decide te deixar, nem a mais banal ameaça



de suicídio é capaz de fazê-la voltar atrás. Mulher é mesmo uma esfinge: decifre-as ou elas te devoram!

Seria o fato de eu ser um notívago inveterado? Apesar de que de uns tempos pra cá, a companhia de Leila havia apaziguado um pouco esse meu desvio de personalidade. Com ela, *no más primas, no más balburdias* intermináveis, agora eu estou numa *buena*. No máximo algumas escapadelas clandestinas para jogar uma sinuca com os camaradas no boteco mais fuleiro da *city*. Com ela, as palavras do meu sábio velho sempre vinham à mente: “se realmente ela for a escolhida, trate-a bem!”.

Seria mesmo a noite culpada por tudo? É, talvez. Mas a decisão foi dela. Quem decidiu que a coisa não iria rolar foi ela. Eu até tentei argumentar falando que assumiria, que aquilo seria bom pra nos unir e tal. Mas vindo de um durango como eu, essas palavras soariam como piada pra qualquer uma. E Leila era diferente. Ela sabia que no fundo eu não queria que a gente se separasse, e que as minhas palavras eram um mero consolo para aquele momento tempestuoso.

E assim se fez. Ou melhor, tudo se desfez. Ela foi ficando mais e mais retraída aos meus toques. Todo aquele humor sarcástico que tanto me cativou foi se transformando em uma enorme mágoa, e claro, sempre sobrava pra mim. Até que chegou o dia



em que...

— Aê, moscão! Tá viajando grandão, hein?! Tâmo te chamando faz uns dez segundos, é a sua vez, né?

— É sim. Passa esse controle aê, e busca outra trincando pra mim, vai!

Madrugada de sexta. Leila, paradeiro desconhecido, e eu aqui na minha velha rotina de interiorano: jogando *Winning Eleven* com os camaradas e enchendo a lata. Tem coisa melhor pra curar esse câncer?



II.

— Ei, sua cabrita! Faz horas que eu tô tentando falar contigo
— Elisa e seu costumeiro exagero, aposto que essa foi a primeira tentativa.

— Fala, sua vaca leitera! O que manda pra hoje à noite?
— esses nossos elogios não vão acabar nunca.

— Então, vai rolar uma balada quente ali perto da Praça Roosevelt, uma banda que tá fazendo uns lances diferentes, tipo misturar *jazz* com *rock*. Uma bateria, um baixo e um saxofone, topas?

— Hum, sei não, hein? Saxofone pra mim só se for o do Dana Colley, um cara que toca numa banda que tem nome de droga, não lembro agora qual.

— Ah, larga a mão de dar uma de metida e vamos, vai? É tipo numa taverna, vai ser massa.

— Bom, desde que não tenha aquele monte de *playboyzinhos* como da última vez que você me convidou, tô dentro. Odeio *playboys*, eles metem de meia!

Elisa tinha dessas de querer descolar um cara rico pra en-



gravidar e logo dar o golpe no infeliz. Era ver uma chavinha de carro importado chacoalhando na frente do nariz que a bichinha se arreganhava toda. Eu não, meu lance é homem com cara de macho. Barbudo, peito peludo, braço e tal. Nem precisa ser muito bonito, só ter cara de macho. Tampouco ter pau grande porque eu não nasci pra ser arrombada.

— Mas e aí? Vamos?

— Vamos vai, passa daqui uma hora mais ou menos que eu vou passar um *blush* na cara.

Mal podia imaginar o que essa noite me guardava, quando Elisa liga toda espevitada é porque já tem algum esquema arremado pro lado dela e quer que eu sirva de enfeite. Modéstia à parte, apesar de estar com trinta e três, sou uma balzaca bem gostosona. A idade começou a pesar nas medidas, mas é só ficar uns dois dias tomando desses *shakes* dietéticos que vendem em qualquer farmácia que logo perco peso. Igual hoje, só tomei um no almoço porque uma calça preta que me deixa com a bunda empinada tava fazendo marcas na minha cintura. Aquelas que te avisam que algo está fugindo do controle, sabe?

“Vou aproveitar e dar umas goladas numa Absolut que sempre deixo no esquema, pra chegar com gás nesse lugar. Tomara que não tenha nenhum *playboy* por lá... apesar de que onde fica



esse pico será inevitável”, pensei.

Elisa, como sempre, demorou mais que uma hora pra passar e me pegar, e nesse intervalo tomei quatro doses de vodca que desceram como água, me deixando com aquela euforia etílica inicial.

O lugar até que era ajeitadinho, uma porta de ferro grande na entrada, sem sinalização, apenas um leão-de-chácara na porta. Bem gostoso ele, por sinal. Por dentro o lugar era bem amplo, com um pé direito alto, um *american-bar* com um balcão de uns dez metros e umas mesas até que bem distribuídas. A iluminação baixa e a costureira fumaça davam um clima de *pub* irlandês.

Logo que adentramos o lugar, Elisa, como era previsível, foi em direção à uma mesa de engravatados, que àquela hora estavam com o estado etílico bem acima do normal. Elisa me apresentou para eles, deviam ser uns três, sei lá, nem dei muita bola pros caras.

Enquanto ela gastava saliva com eles, saí pela tangente e fui tomar uma caipirinha no balcão. A banda até que dava pro gasto, o que eles estavam fazendo parecia uma longa *jam session*. Ou então era a pinga da caipirinha se misturando à vodca na minha cabeça. Pedi a segunda rodada e não percebi que um cara sentou ao meu lado puxando um assunto que não me lembro ao certo.



Mas ele me pareceu simpático e até divertido. Bom, no estado que eu estava atingindo qualquer coisa se tornaria engraçada.

No fim da terceira caipirinha, lembro apenas dele me chamar pra irmos para algum lugar mais aconchegante. O resto...

Bem, ao menos acordei na minha cama. Olhei para o lado e o cara tava lá. Não me lembrava bem do rosto, muito menos do nome dele. Resolvi dar uma checada no saldo da noite. Hum, apesar do estado de descanso, parece ser na medida o instrumento. Os braços são fortes e o meu rosto ainda está coçando por causa da barba dele. Agora essa carinha... bem estragadinha a lata do menino. Sabe como é, né? À noite, todo gato é pardo.



III.

Lembrança. Palavrinha mais cretina essa. Da mesma forma que ela traz coisas boas — como lembrar uma Copa vencida pelo Brasil, o primeiro beijo, o primeiro bom disco de *rock* —, também consome a alma de um homem da forma mais ingrata, mais repugnante. E porque logo agora eu tenho que carregar essas merdas de lembranças dos dias em que ficamos juntos? Bem no meio da noite, bem na hora em que já começava a me entusiasmar com o som do saxofone, que me dava segurança pra chegar na morena sentada no balcão do bar.

Eita sentimento maldito, se bem que não sei direito se lembrança é apenas um substantivo ou um sentimento ligado à saudade, mas enfim, é uma maldição. É como receber aquela “lembrancinha” da tia chata, uma porra que não serve pra nada. Uma camiseta feia ou um pacote de meias de algodão. Mas como estava falando, a lembrança chega bem nos momentos mais ingratos. Como agora.

Essa morena não pára de me encarar. Ela está a poucos metros de mim, mas alguma coisa faz com que eu fique travado,



inerte, um tremendo bundão. Acho que imagino o que seja, ela me lembra a maldita, sim, a escrota lembrança de novo.

— Garçon, por favor venha até aqui.

— Sim senhor, o que deseja?

— Você está vendo aquela morena sentada ali no balcão?

Entregue esse bilhete pra ela.

— Pode deixar senhor, mais alguma coisa?

— Ummm... sim, pede pro saxofonista não parar de tocar.

Bom, agora é só esperar pra ver. Se bem que não tenho certeza se quero me envolver de novo. Pra uma noite de sexo talvez, o duro é se ela quiser mais. E com um corpo desses, vou acabar cedendo. E o ciclo vai se repetir, e as desgraçadas não vão embora de mãos abanando. Sempre querem levar um souvenir de nossa alma, e o pior, vai deixar comigo todo o peso das lembranças, da mesma forma como a outra deixou... um souvenir que não serve pra nada além de mágoas.

Lá vem a morena, e agora? O jeito vai ser encarar, pelo menos já salvo a noite e tento descarregar um pouco da mágoa em um sexo selvagem... Conversamos aqueles assuntos despropositados de primeiro encontro. Ela me diz que adora passar a noite em bares, principalmente se tiver algum saxofonista se apresentando. Conversa vai, conversa vem e quando me dei conta já estávamos



em meu apartamento. Apesar dos meus receios tudo deu certo, ela só queria sexo. Amanheceu e nem percebi quando ela saiu. Deixou apenas um bilhete e um som de saxofone ecoando em minha mente como suvenir...



IV.

— Rapaz, vou te contar um lance muito doido que aconteceu comigo noite passada. Tava eu no meu ponto, tranqüilo, quando recebo a ligação pra um serviço:

“Alô, serviço de táxi 24 horas, em que posso ajudar?” “Seguinte, meu nome é Sérgio, estou com uns amigos e precisamos que o senhor fique conosco a noite toda.” “Pô, mas a noite toda é complicado, vou tomar prejuízo.” “Não esquenta, dinheiro é o que não falta. Tu topas o serviço ou não?” “Bom, já que vai rolar uma grana alta, tô dentro. Onde vocês estão?” “Avenida Paulista, bem perto da estação do metrô.”

— E lá fui eu. Cheguei no lugar marcado e só havia uma pessoa. Mas o cara não tinha falado que estava com os amigos? “Seguinte”, o tal do Sérgio falou, “vamos curtir essa noite inteira, vamos ali pra baixo da Augusta pegar umas meninas, mas pode ficar tranqüilo que não são putas não, são umas amigas.”

— Lá fui eu. Pegamos as duas garotas — e que garotas! — e rumamos pra Vila Madalena. Pelo que ouvi da conversa, ia rolar uma festinha particular dessa galera, aquelas festas da turma de



faculdade, todos estariam por lá. Pelo retrovisor fiquei sacando a coxa da loira, que delícia, seu nome era Sofia. De tanto olhar, ela percebeu e começou a se insinuar, até que pediu pra eu ligar o rádio e me ofereceu um pouco do drinque que estava bebendo.

Quando chegamos na tal casa, eles pediram pra eu esperar no carro, que só iam entrar um pouco... Quase uma hora se passou e a tal Jane vem até o carro.

“O senhor não se importa de eu te fazer uma pergunta?”, disse a loira. “Que isso! Pode falar. A propósito, senhor está no Céu, pode me chamar de Mark.” “Muito prazer Mark. Seguinte, estamos com um pequeno problema lá dentro. Ninguém sabe preparar drinques direito, então vou precisar ir buscar uma amiga nossa, a Ana, lá pros lados da USP.” “Vocês que mandam, sobe aí”, eu disse.

— Fomos em direção à USP. Durante o caminho trocamos algumas palavras, meio sem jeito, aquela típica conversa forçada. Pegamos a tal da Ana, outra mulher maravilhosa, cara de sorte esse tal de Sérgio, só tem amiga gata, das duas uma: ou é bicha ou um tremendo de um comedor. Voltamos pra casa onde a festa estava rolando. O número de carros do lado de fora havia diminuído, mas mesmo assim as meninas estavam entusiasmadas. Parei o carro, elas desceram. Sofia foi até a porta e de repente voltou.



“Você não quer entrar?”, ela disse, — Vai ficar sozinho aí fora. Vem festejar com a gente...” “Não sei não, tô em serviço, minha carteira já está quase no limite de pontos, se eu beber e sair por aí, além de perigoso, ainda corro o risco de polícia me parar.” “Deixa disso, vamos, faz isso por mim?”, rapaz, quando ela disse isso, fez uma carinha de menininha safada, doida pra ser acariciada...

— Entramos na casa, lá dentro pouco mais de vinte pessoas, algumas espalhadas pela sala, outras meio caídas pelos cantos. Num pequeno balcão, Ana fazia os drinques, e não é que a garota sabia do riscado? Preparou uma caipirinha para Sofia e pra mim um copo com uísque puro, sem gelo. Passamos boa parte do tempo conversando, quando eu já estava me preparando pra ir embora — após a quinta dose de uísque —, Sofia e Ana perguntaram se eu não queria dar uma esticada. A propósito, um pouco antes disso, Sérgio me pagou quase o dobro do que eu ganharia com aquela viagem e umas outras cinco que eu faria nos próximos dias. Resolvi arriscar. Peguei aquelas duas gatas fogosas e fomos para a casa de Ana. Chegando lá, ela preparou mais alguns drinques enquanto Sofia cuidava do som. Pensaram que eu fosse só mais um taxista, e foi nesse momento que contei ser saxofonista, que já tinha morado em outros países. Trampava com o táxi, mas minha verdadeira paixão era a música. Pra me



agradar e terminar de me seduzir, Sofia e Ana colocaram um vinil pra rolar, e iniciaram a dança do acasalamento. Depois disso, rapaz, só lembro de ter acordado com duas lindas mulheres nuas ao meu lado...

— Ah Mark, conta outra, rapaz. Você? Música, saxofonista, e ainda por cima dormindo com duas clientes após esticar em uma balada?!! — duvidou meu companheiro de ponto.

— Não quer acreditar, não acredita. Tá vendo o saxofone aí no banco traseiro? Hoje vou dar um *showzinho* particular pra elas... Tô até pensando em montar uma banda por aqui, quem sabe elas não conhecem alguém?

V.

Parem de olhar pra mim!

Parem, pelo amor de Deus!

O que está acontecendo? Porque todos me olham mas ninguém vem falar comigo? Será que sou tão asqueroso assim? O que aconteceu comigo, meu Deus do Céu...

Lembro de quando era o centro das atenções. Todas as garotas olhavam pra mim, se insinuavam. Até mesmo alguns homens chegaram a flertar comigo. Mas agora... Os olhares aumentaram, mas ninguém me nota, só me fuzilam com o olhar.

Acho que tudo isso aconteceu após ela ter ido embora. Tudo foi muito traumático, meu ego me tornava uma pessoa insuportável, um filha da puta metido a besta. E naquela noite não suportei. Mas a culpa também foi dela, quem mandou me deixar de canto? Por causa dela, da displicência, da falta de atenção, entornei um drinque atrás do outro, foram muitas doses...

Mas ela sabia, porra! Eu sou como um espelho, não sou nada se todos não olharem pra mim. E justo naquele dia, em que a festa era em minha homenagem, com a minha banda favorita,



ela resolveu me deixar de lado.

Agora as pessoas só me olham de canto de olho e fazem caretas. Minha aparência era ótima, e agora nem eu consigo olhar pra mim. Tudo por causa daquela noite. Não posso ser o único culpado. Está certo que quem dirigia era eu, quem tinha bebido além da conta era eu, mas como eu ia prever? Quantos porres eu não tomei e fui embora de boa? E com ela ao meu lado, ainda. Mas naquele dia não teve jeito, juntou tudo, meu ego inflou, mal cabia dentro do carro. Quanto mais eu acelerava e me admirava no espelho retrovisor, melhor eu me sentia.

E foi justamente em uma dessas olhadas que minha vida virou um inferno. Um poste mudou minha vida pra sempre. Ela morreu na hora, e eu, além de ter sido culpado e preso por dirigir embriagado, ainda fui desfigurado pelo meu melhor amigo, o espelho. Agora sou um nada, um monstro. Até que não é tão ruim passar despercebido agora.

VI.

Largar a calma do interior de São Paulo, a porralouqueira regada às mais variadas drogas e cerveja gelada que cruzavam o seu caminho durante uma volta descompromissada de carro na madrugada, as garotinhas neo-hippies (ou *fuck-bodies* na definição genial de Cameron Crowe), pra vir ser engolido pela montanha de concreto fria e assustadora da capital, só poderia ser por um motivo muito sério.

As frequências de rádio se acotovelam pra ocupar um mínimo de espaço no dial do carro, e uma contagem regressiva bizarra vai passando pela minha cabeça: um ano, dois dias e dezesseis horas de uma angústia estranha, que começou no dia em que a felicidade contínua e rotineira da vida de casado foi subitamente terminada. Não que isso seja ruim, mas é incômodo, afinal, os dois lados da moeda são divertidos: sexo e compromisso toda hora, ou então, sexo variado e falta de compromisso a qualquer hora. A segunda opção me acompanha durante o último ano, reforçando a vontade de ter de volta a primeira, e na maior cidade da América Latina, as chances de isso acontecer, com certeza são maiores.





Chego à rodoviária, agradeço a carona e procuro um lugar pra tomar um café. Faço o reconhecimento da área: muitas pessoas feias e estranhas, outras mal-humoradas, outras sem rumo, e algumas meninas bonitinhas. Será que estou tão na seca, ou todas parecem me olhar fixamente nos olhos enquanto caminho em direção à cafeteria? Sei lá, pode ser alucinação. Tô precisando realmente desse café. Antes, paro durante uns dois minutos pra apreciar um sujeito tocando saxofone no melhor estilo Lisa Simpson. Deixo uns trocos com ele e sigo meu rumo. Meu presente de boas vindas: pagar um absurdo por um copinho vagabundo de café servido por uma garçonete simpática. Só não fico mal-humorado em consideração à calça apertada e o uniforme decotado dela. Pago o café, agradeço, dou uma secada em sua bunda e pego o caminho do metrô.

A maldita contagem regressiva continua. Mas que merda! Nenhum canto pra ficar encostado neste metrô. Resolvo dar mais uma olhada ao redor e minha espinha gela. Ali está ela: morena, dessas com a pele bem branquinha, que ficam rosadas ao menor sinal de frio, cabelos bem pretos na altura exata do pescoço, seios perfeitos, nem grandes, nem pequenos, e um sorriso lindo, um par de olhos grandes, negros como os cabelos. Foi amor à primeira vista, desses bem pigas: troca de olhares,

sorrisos tímidos e mútuos, troca de telefone, almoço, jantar, namoro, noivado, casamento, dois filhos lindos — graças a Deus herdaram a beleza da mãe —, viagens programadas em janeiro e julho. Enfim, tudo muito perfeito, pena que todo esse amor durou apenas quatro estações, foi abrir a porta do trem e o divórcio estava consumado. Um ano, dois dias e dezoito horas.



VII.



Ouço ao fundo a voz afônica de Sheila chamando o meu nome. Tanto tempo que não ouvia a voz dela que fica difícil distinguir se estou sonhando, delirando ou se é a maldita realidade. De uns tempos para cá as coisas andam todas embaralhadas. Confusão. Em meio à penumbra que cobre o meu redor, um feixe de luz ilumina o rosto redondo e branco de Sheila, típico dos descendentes de italianos. Ela parece estar a uns vinte metros do ponto em que me posiciono e continua a me chamar. Mas agora, o que antes parecia ser amistoso, passou a soar como lamúrias de sereias. Do nada, uma corda se estende do ponto em que Sheila está até o meu alcance.

Não penso duas vezes e começo a tentar chegar à minha amada italianinha. Lembro de todos os bons momentos pelos quais passamos, da vez em que a conheci na casa de uma amiga em comum, de como o rosto dela se iluminou em meio à multidão. Assim como a vejo agora. Logo que atinjo a metade da corda, o suor toma conta do meu corpo e minhas mãos, mesmo que raladas, ainda agüentam o restante do curto percurso. Porém, a corda

torna-se úmida e com um cheiro forte que lembra algum material inflamável. Rapidamente, vem a minha mente a recordação de nossa última briga. A derradeira. Nunca pensei que Sheila fosse capaz de me enxotar como se eu fosse um cachorro vadio. Muito menos riscar o fósforo que me fez despencar.



VIII.

O telefone toca:

— Cara, vem pra cá agora, tem uma pessoa querendo te ver.

Durante o percurso fico imaginando como uma festa regada a bebida grátis foi culminar nisso. A mina exalava sexo. Mesmo com a mistura mulher e bebida, acabou não rolando nada, apenas uma troca de *e-mails*. E foi nessa conversa virtual que durou um mês que a vontade mútua de cair na tentação se manteve viva.

Mas que droga, nenhum lugar pra estacionar. Com tanto carro parado na frente do prédio, já imagino que o apartamento de dois quartos vai estar abarrotado. Toco a campainha. Nada. Toco de novo. Nada outra vez. Dessa vez enfio o dedo com vontade. A porta se abre de repente.

— Pô, você demorou pra caramba, chega aí, está todo mundo no quarto.

E ali estava ela, sentada, sem dar a mínima pra aquele monte de gente, em roda, ajudando a deixar o ambiente mais carregado de fumaça.

Sento ao seu lado, meio desconfortável — não gosto de

ambientes carregados. Converso amenidades, descubro que ela não gosta dos Beatles, e entro numa pequena discussão inútil sobre música.

— Vamos sair pra beber alguma coisa, está muito carregado aqui. Aí você aproveita e vê meus discos, tô com uma pasta no carro.

Pronto, consegui. Agora é só escolher uma boa música, uma boa bebida, que dessa vez não passa.

Mas o plano acabou furando. Terminou na escada do prédio. Com os dois descarregando suas vontades acumuladas em uma cena explícita, que custou a sair da escadaria. Eu ainda tinha alguns truques mágicos nas mãos que não mereciam ser desperdiçados ali.



IX.

Tudo começou há vinte anos. Aquela historinha bonitinha de amor, que faz tua barriga gelar toda vez que vê ela passar. Passeios de bicicleta, sorvetes, namoricos inocentes. Andar de mãos dadas era o ápice. Mas aí, fez-se jus ao clichê. O destino nos separou. Mudamos para cidades diferentes. Tomamos rumos diferentes.

E não é que o destino resolveu ser cruel? Trazer a pessoa de volta, depois de tanto tempo, e fazer lembrar e continuar o namorico inocente parecia tarefa fácil. Quando a cabeça de baixo pensa mais do que a de cima, você só faz merda. E assim parecia que seria tudo perfeito: namorico, passeios, sorvetes e sexo. Ah, o sexo. Como é bom nos primeiros meses. Mas junto com ele vem a merda da intimidade, o direito covarde da outra pessoa achar que pode julgar tua vida, ou melhor, nas palavras dela, superproteção. Estava armado o duelo.

Nem o melhor pugilista conseguiria fazer tanto estrago quanto as palavras dela. Mais potentes que um gancho bem encaixado, daqueles que te levam pra lona na hora. Foi um duelo cruel, con-

segui dar alguns golpes, e fiz cair a máscara que escondia toda a maldade por trás daquela inocência infantil de vinte anos atrás. O grande problema foi o jogo sujo, quando estava voltando pro meu corner pra beber um pouco de água, respirar, ela vinha e me acertava um golpe sujo, pelas costas. Covardia.

E cadê o juiz numa hora dessas? Pra parar a luta, pra desclassificar esse jogo sujo? Pois é, não havia juiz algum, somente a platéia estarecida com tamanha covardia e baixeza. Começaram a ir embora aos poucos.

Mas isso não foi suficiente pra enfraquecê-la. Deu mais forças, e continuou com golpes baixos e certos. Com a máscara partida, apareceu a sua face cruel, e ficou mais confortável pra ela tentar acabar com meu ego, com meu brio. E antes do fim da luta, com os dois em farrapos, só restava o abraço habitual do *fair play*.

Mas não houve o último *round*. De algum lugar surgiu uma toalha branca. Pondo fim àquela baixaria. A luta acabara. E o que se via no ringue eram respingos de romantismo e amor cobertos por uma camada espessa de covardia e sadismo.



X.

Está tudo meio estranho. Eu preciso atravessar a rua, corro muito perigo aqui desse lado. A angústia aumenta, aumenta, e quanto mais eu corro, parece que estou dentro da água. Não saio do lugar. Esforço enorme. Fadiga. Até que enfim, consigo chegar do outro lado.

Pra que diabos alguém colocaria uma escada deste tamanho pra descer? É só se jogar pelo barranco. Vai ser divertido, igual na infância. É só fingir que isto é um escorregador. Mas como eu vim parar aqui no alto? A escada não levava para baixo?

Medo. Muito medo. Consigo me ver lá embaixo, repetindo a mesma ação confusa. Lá está a escada, o barranco. E eu. Meu Deus, o que é isso? O que está acontecendo comigo? Pára! Não use a escada, ela te leva no sentido contrário.

Não adianta, a voz não sai da garganta, tá entalada. Desespero. Consigo encontrar uma saída. É só pegar bastante impulso e pular no teto do outro prédio. Mas tem que ser certo. Instantâneo. Se eu cair com os pés no lugar errado a porta não se abre. Lá de baixo ouço a voz. Sou eu. Mas por que não pular? É a única saída.



Não, agora não, porque justamente agora faltou o impulso.

A queda é vertiginosa, o frio na barriga é muito real. Medo. Desespero. Fadiga. O chão se aproxima rápido. A única reação é um grito oco. O chão se aproxima rapidamente:

— Meu Deeeeeussss! Nãoooooo!

— Ei você! Você! Acorda rapaz! Te falei pra pegar leve na dose. Que puta susto rapaz, pensei que tivesse sido sério...



XI.

Solidão. Foi isso que sobrou quando você me deixou. Uma saudade imensa do seu talento, da sua espiritualidade. E já faz tanto tempo.

Lembro como se fosse hoje quando fomos apresentados. A noite estava perfeita, todos meus amigos estavam lá. E você apareceu. Sei que é clichê, mas foi paixão à primeira vista. Uma imagem que eu nunca vou esquecer. Só de pensar ainda sinto seu perfume tomando conta do ambiente... como cheirava bem.

Sem falar na voz. O que era a sua voz? Entrava pelos ouvidos com uma facilidade, com uma doçura. Qualquer frase que você dizia soava como poesia pra mim. Isso sem falar quando resolvia cantar, aí meu mundo parava. Só conseguia ouvir o som do baixo dando ritmo à sua voz. Cada *show* era uma experiência única, mesmo tocando as mesmas músicas, tudo parecia sempre tão novo. O impacto que sua voz causava em mim quando cantava batia como uma droga forte, daquelas que viciam na hora, no primeiro uso.

Pena que você foi embora. Mesmo eu implorando pra você me

levar junto, de nada adiantou. Agora peço todos os dias para que me levem onde você está, já que você não me levou com você. Não consigo viver sozinho, sou fraco, um nada sem a sua presença. De consolo ficaram seus discos. Pra piorar minha situação, arrumei um novo vício: comprar todos os discos dos seus artistas prediletos. Agora eu os escuto na esperança de trazer um pouco de você de volta... Pena que você não me levou junto.

FIM



SOBRE A BANDA

Criado por Mark Sandman e Dana Colley em 1989, o Morphine confiava no minimalismo e na ausência de guitarras para fazer o que chamavam de *Low Rock*. Em 3 de julho de 1999 Mark Sandman foi vítima de um ataque cardíaco durante uma apresentação na Itália. O quinto disco, *The Night*, foi lançado em 2000. Enquanto nos EUA a banda não tinha reconhecimento comercial, era aclamada na Europa e outros países. *The Night* veio para reverter esse quadro, mas já era tarde demais.

CRÉDITOS ORIGINAIS

THE NIGHT — MORPHINE

Design por Robert Fisher/Flying Fish Studios

Fotografia por Hope Zanes

Lançado em 1 de fevereiro de 2000

Selo: Rykodisc

Produzido por Mark Sandman & Morphine

Para mais informações sobre a banda, visite:

www.lukin.com/tos

SOBRE OS AUTORES

Os Irmãos Dias são Bruno , Cirilo e Leonardo. Os três são apaixonados por música e cultura *pop*. Bruno Dias é colunista e colaborador da revista Bizz, Cirilo Dias trabalha no *site* da revista Trip além de colaborar com a Bizz, e Leonardo Dias é colaborador da Rolling Stone Brasil. Os três são editores e fundadores da revista eletrônica www.urbanaque.com.br. E agora se meteram a escritores.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.

24 THE NIGHT

MORPHINE

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. THE NIGHT
2. SO MANY WAYS
3. SOUVENIR
4. TOP FLOOR, BOTTOM BUZZER
5. LIKE A MIRROR
6. A GOOD WOMAN IS HARD TO FIND
7. ROPE ON FIRE
8. I'M YOURS, YOU'RE MINE
9. THE WAY WE MET
10. SLOW NUMBERS
11. TAKE ME WITH YOU

